

**FACULDADE JESUÍTA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA - FAJE
REDE BRASILEIRA DE CENTROS E INSTITUTOS DE JUVENTUDE
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM JUVENTUDE NO MUNDO
CONTEMPORÂNEO**

**RETRATOS DE JUVENTUDES CAMPONESAS
NO SUDESTE PARAENSE**

LOIDE DE SOUZA E SILVA

MARABÁ-PA

2011

**FACULDADE JESUÍTA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA – FAJE
REDE BRASILEIRA DE CENTROS E INSTITUTOS DE JUVENTUDE
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE NO
MUNDO CONTEMPORÂNEO**

RETRATOS DE JUVENTUDES CAMPONESAS NO SUDESTE PARAENSE

**LOIDE DE SOUZA E SILVA
CLEUTON FREITAS (ORIENTADOR)**

Monografia apresentada ao Curso de Pós-graduação Lato Sensu em Juventude no Mundo Contemporâneo como requisito para grau de especialista.

MARABÁ-PA

2011

RETRATOS DE JUVENTUDES CAMPONESAS NO SUDESTE PARAENSE

LOIDE DE SOUZA E SILVA

Monografia para a conclusão do Curso de Pós-Graduação Latu Senso Juventude no Mundo Contemporâneo, submetido à Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia / FAJE e à Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude, como parte dos requisitos para o grau de Pós-Graduado em Juventude no Mundo Contemporâneo.

Aprovada por:

Assinatura do/a Orientador/a

Data: ____ / _____ / _____

Nota: _____

Agradeço

A minha mãe e minhas irmãs pelo apoio, estando ao meu lado em todos os momentos.

Ao Cláudio, companheiro querido e presente.

Aos amigos e amigas da Pastoral da Juventude por acreditar nas experiências de juventudes. Agradeço também ao padre Albano sj, pelo apoio em fazer esse curso.

Agradeço a todos/as os/as jovens entrevistados/as que tão bem me acolheram durante suas reuniões ou tempo escola.

Agradeço a todos/as da Casa da Juventude pelo acolhimento antes, durante e depois das etapas do curso, a coordenação e secretaria pela dedicação e cuidado, ao professor Cleuton Freitas pela orientação na construção desse trabalho.

E agradeço a Deus, pela existência de todas essas pessoas e com isso elas fazerem parte da minha história de vida.

Dedico

Aos jovens e as jovens camponeses/as, bem como aqueles e aquelas que acreditam, acompanham e trabalham com esses sujeitos.

Epígrafe

Eu quero ver,
Eu quero ver acontecer
Um sonho bom,
Sonho de muitos acontecer.
Nascendo da noite escura,
A manhã futura trazendo amor.
No vento da madrugada.
A paz tão sonhada, brotando em flor.
Nos braços da estrela guia,
A alegria, chegando da dor.
Na sombra verde e florida,
Crianças em vida, brincando de irmãos.
No rosto da juventude,
Sorriso e virtude, virando canção.
Alegre e feliz camponês,
Entrando de vez na posse do chão.
Um sorriso em cada rosto,
Uma flor em cada mão.
A certeza na estrada,
O amor no coração.
E uma semente nova, escondida,
Em cada palmo de chão.
Sonho, que se sonha só,
Pode ser pura ilusão.
Sonho, que se sonha junto,
É sinal de solução.
Então vamos sonhar, companheiros,
Sonhar ligeiro, sonhar em mutirão.

Eu quero ver, Zé Vicente.

Resumo

As pesquisas sobre juventude camponesa/rural se comparadas com pesquisas referentes às juventudes urbanas ainda apresenta um pequeno volume. Dentre as pesquisas que se referem a juventudes camponesas, têm-se pesquisas que discutem outras questões do campo como foco principal e quando citam os/as jovens camponeses/as geralmente é na perspectiva analítica, muitas vezes como mão-de-obra familiar, há também pesquisas que focam juventudes camponesas e nesses trabalhos predominam os aspectos Migração e Invisibilidade dos/as jovens camponeses/as, importante falar das pesquisas que buscam entender a permanência dos/as jovens no campo a partir da participação e articulação nos movimentos sociais do campo, considerada como uma linha de pesquisa bem recente. Elementos sobre juventudes camponesas, são apresentados nesse trabalho inicialmente com um breve levantamento das principais temáticas desenvolvidas nos trabalhos e pesquisas sobre juventudes, logo depois uma apresentação de definições e conceitos de juventude [s]. Definições e conceitos esses que compreendem a[s] juventude[s] desde como problema, sem perspectiva de vida, até como categorias social e política, bem como sujeitos de direito. Em seguida é apresentada uma contextualização do sudeste paraense - lugar onde os/as 70 jovens entrevistados/as para esse trabalho vivenciam suas experiências juventudes. Território com diferentes processos de migração, diferentes formas de entender e de promover o “desenvolvimento”, de luta pela terra, de resistência, de produção cultural, de educação do campo. E por fim, apresentação de retratos desses/as jovens a partir de questões centrais sobre população juvenil, faixa etária, família, escola, migração, lazer, organização social, identidades e perspectivas, na tentativa de compreender um perfil, entre tantos os perfis existentes nas realidades das juventudes camponesas.

Palavras chaves: Juventude, Juventudes, Campo, Sudeste Paraense, Realidades, Perfis.

Apresentação

Esse trabalho trata de uma monografia de conclusão do Curso de Pós-Graduação *Latu Senso Juventude no Mundo Contemporâneo*. É um curso oferecido pela Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude, essa rede é uma articulação de 15 Centros e Institutos de Juventude. O curso é coordenado pela Casa da Juventude (que faz parte da Rede Brasileira) em convênio com a Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), realizado em Goiânia-GO. A Casa da Juventude Pe Burnier foi fundada em 1984, leva o nome do padre jesuíta João Bosco assassinado em 1976 em São Félix do Xingu-MT.

Curso de Pós-Graduação *Latu Senso Juventude no Mundo Contemporâneo* tem como objetivos Aprofundar o conhecimento teórico, prático e científico da juventude contemporânea. Possibilitar debates e reflexões das práticas metodológicas e das políticas públicas, capacitando profissionais para a promoção de estratégias de atuação junto aos/às jovens. Desenvolver estudos e pesquisas sobre Juventude, tendo em vista a produção científica acerca da temática juvenil. A 5ª turma desse curso é formada por alunos/as dos Estados Acre, Bahia, Ceará, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Rio Grande do Sul, Rondônia, São Paulo, Tocantins e o Distrito Federal, mais alunos/as do Paraguai, Venezuela e México.

Sumário

Introdução 10

CAPÍTULO 1 – Estudos, definições e conceitos de juventude(s) 14

1.1 – Estudos sobre juventude(s) 14

1.2 – Definições e conceitos de juventude(s) 16

1.2.1 – Juventudes como problema, sem perspectiva de vida, peso para a família 17

1.2.2 – Juventudes como massa revolucionária, estado de espírito 18

1.2.3 – Juventudes como fase biológica, fase de transição 19

1.2.4 – Juventudes como Categoria Social, Categoria Política, Sujeitos de Direito 19

CAPÍTULO 2 – Sudeste Paraense: Por um campo bom de se viver 22

2.1 – Do Burgo do Itacayunas ao município de Marabá 22

2.2 – Da Oligarquia dos Castanhais aos Movimentos e Organizações Sociais 25

Capítulo 3 – Dialogando com as informações da pesquisa com jovens no Sudeste Paraense 31

3.1 – População Jovem – Idade – Casamento – Filhos/as 31

3.2 – Onde e com quem moram os/as jovens 33

3.3 – Escolaridade 35

3.4 – Juventude e Migração 36

3.5- Juventudes: Elaboração de Lazer. E Maneiras de vivenciar a experiência de grupo com os pares 43

3.6 – Juventude e organização social 45

3.7 – Identidades e Perspectivas 48

Considerações finais 52

Referência Bibliográfica 54

Anexos 56

1 – Lista de siglas

ATES – Assessoria Técnica, Social e Ambiental
CAJU – Casa da Juventude
CAT – Centro Agro-ambiental do Tocantins
CEB – Comunidade Eclesial de Base
CEPASP – Centro de Educação, Pesquisa e Assessoria Sindical e Popular
CPT – Comissão Pastoral da Terra
CVRD – Companhia Vale do Rio Doce
ECA – Estatuto da Criança e Adolescente
EJCC – Encontro da Juventude Campo e Cidade – Pará
EFA – Escola Família Agrícola
FAJE – Faculdade Jesuíta de Teologia e Filosofia
FATA – Fundação Agrária do Tocantins Araguaia
FETAGRI – Federação dos Trabalhadores da Agricultura
FREC – Fórum Regional de Educação do Campo do Sul e Sudeste do Pará
INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
LASAT – Laboratório Sócio-Agrônomo do Tocantins
OMS – Organização Mundial da Saúde
NEAD – Núcleo Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural
PRONERA – Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
PPJ's – Políticas Públicas de Juventude
UFPA – Universidade Federal do Pará
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
STR – Sincanto dos Trabalhadores Rurais
SUDAM – Superintendência do Desenvolvimento para a Amazônia

2 – Lista de gráficos

Gráfico 01: Jovens que são pais/mães
Gráfico 02: Municípios do Pará onde moram os/as jovens entrevistados/as
Gráfico 03 : Arranjos familiares
Gráfico 04 e 05: Escolaridade
Gráfico 06: Naturalidade das mães
Gráfico 07: Naturalidade dos pais
Gráfico 08: Naturalidade dos/as jovens
Gráfico 09: Migração campo-cidade

3- Lista de Mapas

Mapa: Trajetória Migratória

4 – Lista de Quadros

Quadro 01: Trabalhos sobre juventude produzidos entre 1990-2004
Quadro 02: Categorias de jovens segundo sua matriz de análise
Quadro 03: Categorias de jovens segundo sua matriz de análise – Jovens no sudeste paraense.
Quadro 04: local onde moram os/as jovens
Quadro 05: Migração jovem do campo para a cidade
Quadro 06 ao quadro 16: Participação dos/as jovens em grupos

Introdução

O volume de estudos sobre juventude tem aumentado principalmente a partir da década de 1990, mesmo assim se comparado com outras temáticas o estudo sobre juventude tem-se produzido um volume menor de trabalho.

Desse estudo produzido, o maior número de trabalho tem sido acumulado no que concerne à juventude dos centros urbanos, principalmente das grandes metrópoles. Em geral os trabalhos que discutem questões do campo, quando abordam juventude é quase sempre na perspectiva do trabalho, visualizando o/a jovem como elemento de mão-de-obra.

As pesquisas feitas com a temática específica de juventude camponesa/juventude rural destacam principalmente dois aspectos um sobre migração de jovens do campo para a cidade e outro sobre invisibilidade desses sujeitos. Porém, outra linha temática se configura: a organização desses/as jovens em grupos, que se caracterizam grupos camponeses com uma formação política e social e para alguns autores/as esse tipo de articulação tem discutido, por exemplo, as problemáticas de migração e invisibilidade dos/as jovens camponeses/as.

O presente trabalho tem o propósito de contribuir no debate sobre juventude camponesa, ou melhor, juventudes camponesas, a partir de dados/informações que obviamente não dão conta de ilustrar todas as realidades dessas juventudes no sudeste paraense, mas é uma tentativa de compreender um perfil, entre tantos os perfis existentes nas realidades das juventudes camponesas. A intenção é socializar dados, chamar reflexões sobre que elementos esses dados/informações podem trazer a respeito de realidades juvenil camponesa.

Participaram deste trabalho setenta jovens de dez municípios do Sudeste Paraense, são eles: Abel Figueiredo, Eldorado dos Carajás, Itupiranga, Marabá,

Nova Ipixuna, São Domingos do Araguaia, São Geraldo do Araguaia, São João do Araguaia e Rondon do Pará.

As entrevistas foram feitas com doze (12) jovens durante as reuniões do grupo de jovens da Igreja Católica da Vila Canaã, localizada no Km 35 da BR 155, entre os municípios de Marabá e Eldorado dos Carajás. A Vila Canaã é conhecida também por Vila Sororó, ou mesmo Trinta e Cinco, fazendo referência à distância em quilômetros entre a vila e a sede do município que é Marabá.

Completando os setenta (70) jovens, cinquenta e oito (58) jovens foram entrevistados/as, dessa vez os/as educandos/as jovens do ensino fundamental da Escola Família Agrícola de Marabá, com as turmas de 5ª, 7ª e 8ª séries (6º, 8º e 9º anos), no ano da entrevista (2009), não foi ofertada a 6ª série/7º ano. Com esses/as jovens as entrevistas foram realizadas durante o quinto Tempo Escola (TE) de 2009.

As Escolas Família Agrícola - EFA adotam a Pedagogia da Alternância, que consiste, entre outros elementos, em Tempo Escola (TE) e Tempo Comunidade (TC). A carga horária é válida nos dois tempos, quer dizer, o/a educando/a vivencia um período no lote/comunidade/assentamento e outro na escola.

Algumas questões me motivaram desenvolver esse trabalho, como a tentativa de compreender melhor os elementos da migração de jovens que moram no campo para a cidade, sobretudo a migração das jovens. Bem como questões outras de escolaridade, com quem moram, suas opções de lazer, se participam de grupos organizados, projeto de vida. Questões essas que não esgotam nesse trabalho, tampouco seus desdobramentos.

Nesse trabalho, sugiro a discussão sobre juventudes camponesas em três capítulos. No primeiro capítulo apresento definições, conceitos de juventudes pautados em concepções biológicas, culturais, histórias, sociais e políticas, na

tentativa de discutir esses conceitos e a partir de que e onde eles foram [e são] elaborados. Nesse momento além das definições de pesquisadores/as, aproveito e trago no trabalho, narrativas de jovens sobre o significado de ser jovem/juventude para eles/as. Busco essas fontes de auto-concepção em entrevistas que realizei com jovens durante o III Encontro da Juventude Campo e Cidade do Estado do Pará, ocorrido em Marabá-PA nos dias 02 a 05 de fevereiro de 2008.

Em seguida, no segundo capítulo, faço um breve resgate histórico de parte “da construção” da região do sudeste paraense, considerando primeiramente o período de 1885 a 1913, destaco grupos vindos de outros estados, bem como, a formação de colônias agrícolas como a do Burgo do Itacayuna. Também as formas de exploração de produtos da floresta como a castanha-do-pará resultando em uma oligarquia – A Oligarquia dos Castanhais. A exploração do caucho iniciada durante a procura pelos “campos gerais”. Bem como a mudança de Burgo do Itacayuna para município de Marabá.

Dando continuidade trago a década de 1970 com as estratégias do governo federal de ocupar a Amazônia, abrindo rodovias como a Transamazônica – BR 230 e fazendo propagandas que ressaltavam frases como *“terras sem homens para homens sem terra”* ou mesmo *“integrar para não entregar”*, e depois cito as décadas de 1980 e 1990 para retratar a movimentação social e institucional na região como a re-organização sindical e a participação de instituições como a Igreja Católica através das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e a Universidade Federal do Pará (UFPA).

A história da região carrega estratégias diferenciadas de ocupação, concepções diferentes de desenvolvimento, trás concentração de terras, processos de migração, lutas pela terra, resistência. É uma história que se entrelaça com as

histórias de vida dos sujeitos, com a produção do arroz, do feijão, do milho, da farinha [de mandioca], com a produção cultural, com a Educação do Campo.

E no terceiro capítulo apresento informações e diálogos sobre a pesquisa feita com setenta jovens do sudeste paraense. Trago esse trabalho que retrata um perfil ou perfis, desses setenta jovens, com diferentes experiências e vivências de juventudes.

CAPÍTULO 1 – Estudos, definições e conceitos de juventude(s)

1.1 – Estudos sobre juventude(s)

O interesse pela pesquisa sobre juventude ainda é relativamente recente se comparado com outros temas, torna-se recente ainda mais quando o assunto é o universo da juventude camponesa. Segundo Capelo et al (2007, p.205), na década de 1960, foram organizados quatro volumes de “Sociologia da Juventude” trazendo apenas dois textos que tratam da juventude camponesa.

Castro (2009, p. 184) diz que no Brasil houve um impulso no debate sobre juventude no final do século XX e agora no início do século XXI. Para a autora mesmo a juventude sendo considerada marginal em diversos trabalhos, há uma extensa bibliografia de trabalhos que abordem o universo urbano, onde em alguns casos se referem a sociologia da juventude.

Considerando como critério de classificação e seleção os trabalhos que têm como objeto de estudo os/as jovens do meio rural, Weisheimer (2005, p. 13) realizou um recente levantamento bibliográfico sobre o volume desses trabalhos, além disso, identificou as linhas temáticas dessas pesquisas, são elas: Juventude e Educação Rural; Juventude Rural, Identidades e Ação Coletiva; Juventude Rural e Inserção no Trabalho e Juventude e Reprodução Social na Agricultura Familiar. O levantamento considerou as pesquisas feitas no período entre 1990 a 2004, constatou em média quatro trabalhos por ano ao longo desse período. Weisheimer (2005, p. 15) organiza em forma de quadro a quantidade de trabalhos produzidos por regiões brasileiras entre 1990 e 2004.

Quadro 01: Trabalhos sobre juventude produzidos entre 1990-2004

Linhas temáticas	Região				
	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul	Brasil
1. Juventude e Educação Rural	0	1	5	2	8
2. Juventude Rural, Identidades e Ação Coletiva	4	0	6	3	13
3. Juventude Rural e Inserção no Trabalho	2	0	2	6	10
4. Juventude e Reprodução Social na Agricultura Familiar	2	0	5	12	19
Total	8	1	18	23	50

Fonte: NEAD, Levantamento de dados, outubro/2005

Para Carneiro (2005, p.243) em geral as pesquisas voltadas a organização social do campo quando se referem aos/as jovens, os/as retratam apenas como membro da equipe de trabalho familiar seja como aprendiz de agricultor nas dinâmicas de trabalho da família ou complementando a renda familiar com o trabalho fora do seu estabelecimento familiar.

Segundo Weisheimer (2005, p.07) a participação da juventude camponesa nas dinâmicas migratórias, assim como a invisibilidade social dessa juventude, são os dois aspectos que mais chamam a atenção dos/as pesquisadores/as brasileiros/as quando voltam seu olhar para as especificidades dessa juventude.

Castro (2009, p. 181), diz que o debate sobre juventude torna-se central na medida em que as muitas concepções que se entrecruzam definem olhares e, mesmo, a atuação do poder público. Essas concepções são construídas através do esforço acadêmico, das ações governamentais e das ações do terceiro setor. Diz ainda que:

“Se focarmos melhor o olhar esse esforço que coloca o debate sobre juventude na ordem do dia tem o foco na juventude urbana, mais ainda nas grandes metrópoles, mesmo com isso contribuindo para um aumento considerável sobre o estudo e ações referentes a juventude, ainda hoje a juventude rural brasileira é pouco reconhecida.” CASTRO (2009, p. 181).

1.2 – Definições e conceitos de juventude(s)

Na realização das ações, no exercício da escrita, da compreensão do que é juventude, ou do que são juventudes, diferentes afirmações, definições, conceitos são construídos, nesse trabalho trago alguns para a reflexão.

Começo com a afirmação de Abramo (2005, p. 37):

“Juventude é desses termos que parecem óbvios, dessas palavras que se explicam por elas mesmas e assunto a respeito do qual todo mundo tem algo a dizer normalmente reclamações indignadas ou esperanças entusiasmadas... Há muitos ângulos pelos quais se pode abordar o tema (diferentes referentes designados pelo mesmo termo); cada disciplina das ciências humanas faz um tipo de recorte e, dentro delas, diferentes correntes teóricas ressaltam dimensões distintas desse complexo ao qual o termo pode se referir”. ABRAMO (2005, p. 37).

Castro (2009, p. 184) confirma ao dizer que muitos trabalhos tratam a juventude como categoria auto-evidente ou auto-explicativa, utilizando idade e/ou comportamento como definições metodológicas. Diz ainda que a opção por esse conceito de juventude tem norteado trabalhos acadêmicos assim como políticas sociais e que concepção de juventude baseada na idade e/ou comportamento pode tomar a juventude como universalizante.

Há também segundo Castro (2009, p. 184) as definições que associam a juventude/jovem a determinados problemas sociológicos; ou mesmo agentes privilegiados de transformação social, retratando a juventude com um olhar quase heróico, associando palavras como Vanguarda e Revolucionária. Fala também da inversão desse olhar, ou seja, uma associação da juventude à delinqüência, onde termos como jovem e delinqüência foram associados em pesquisas nas áreas de

psicologia e sociologia realizadas na Alemanha. FLITNER (1968)¹ apud CASTRO (2009, p. 185).

Nos EUA, uma ilustração de pesquisas referentes a essa associação é a Escola de Chicago que privilegiou temas como delinqüência e criminalidade, onde o “jovem” aparece como um personagem em destaque. COULON (1995)², apud CASTRO (2009, p. 186). No exemplo do Brasil, a UNESCO que realiza pesquisas e avaliações em diferentes temas, tais como gênero, saúde, meio ambiente, governabilidade e outros, segundo Castro (2009, p. 184) têm realizado pesquisas desde a década de 90, essas abordam juventude no enfoque de questões como “violência”, “cidadania” e “educação”, e sobre as ações de determinados programas sociais a base é “jovens em situação de risco”, ações essas que visam a re-introdução dos/as jovens excluídos/as à sociedade.

1.2.1 – Juventudes como problema, sem perspectiva de vida, peso para a família:

Na Idade Média (Europa) havia pelo menos duas definições de juventude: uma com concepção considerada na época como profana (*primavera: infância; verão: juventude; outono: idade adulta e inverno: velhice*) e outra com concepção dita clerical (*Infantia: até 7 anos; Pueritia: dos 7 aos 14 anos; Adolescentia: dos 14 anos 21 anos e Juventus: 22 aos 30 anos*). DICK (2003, p.99).

Percepção de juventude rodeada de problemas, sem perspectiva de vida, sendo um peso para a família:

¹ Andreas Flitner. (1968). “Os problemas sociológicos nas primeiras pesquisas sobre a juventude”, Em: S. Britto (org.), Sociologia da Juventude, 1, (pp. 37-67). Rio de Janeiro: Zahar Editores.

² Alain Coulon. (1995). *A Escola de Chicago*. Campinas: Papirus.

“Nossa sociedade estará perdida se permitir que continuem as ações inauditas das jovens gerações. Estamos vivendo uma época difícil. Sobre a juventude pesa um bom número de problemas não aclarados de difícil solução. Não há trabalho. Os jovens chegam aos 25 anos e a vida desabrocha com flores de mil cores em nosso interior.”

(4.000 anos - peça de madeira encontrada em Ur. Caldéia). PAMPOLS (2004).

“Queremos lutar, fundar uma família, ser felizes. Mas não há trabalho...somos uma carga para a família, batamos à porta que batamos, todo o mundo nos responde: Há crise! Que porvir nos espera?”

(1936, guerra civil espanhola). PAMPOLS (2004).

1.2.2 – Juventudes como massa revolucionária, estado de espírito

Aparecem na mesma fala mistos de elementos que apontam para conceitos numa perspectiva de juventude como massa, como quantidade juntamente com uma juventude como sujeito de diferença, juventude como potencial, estado de espírito, características de rebeldia, dinamismo. Ou mesmo marginalizada, ou etapa que organiza a vida adulta:

“A juventude é movimento, fazer a diferença. Muitas vezes é usada como massa de manobra.” (entrevista realizada durante o EJCC-2008).

“Um potencial desconhecido pela própria juventude.” (entrevista realizada durante o EJCC-2008).

“A juventude não tem idade. É o espírito. O termo juventude não é bem usado. Só é apresentado o lado marginal. Somos rebeldes pra conseguir o que queremos. Não é apenas fase.” (entrevista realizada durante o EJCC-2008).

“É o ser mais dinâmico. Está em vários ambientes. A fase que organiza a fase adulta. Se perceber como responsável.” (entrevista realizada durante o EJCC-2008).

1.2.3 – Juventudes como fase biológica, fase de transição.

Essa fase muitas vezes é finalizada com o matrimônio - um rito de passagem da fase juvenil [ou mesmo infantil]³ para a adulta. Nas definições a seguir aparece o termo adolescência.

Atualmente para a Organização mundial de Saúde (OMS) adolescência está dividida em pré-adolescência: 10 a 14 anos de idade e adolescência: 15 a 19 anos. A Organização Ibero-Americana da Juventude e a Organização Internacional da Juventude usam 15 a 24 anos para definir o que é jovem, no Brasil segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) ser jovem é ter entre 15 a 24 anos (em três recortes: 15 a 17 anos são jovens adolescentes; 18 a 20 anos como jovens-jovens e 21 a 24 são jovens-adultos). Para o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é adolescente quem está entre 12 a 18 anos. WEISHEIMER (2005, p. 20).

O recorte feito da faixa etária para definir quem é jovem ou não, é dado de acordo efeitos e interesses, no Brasil para efeito de políticas públicas, por exemplo, é considerado/a jovem aquele/a entre os 15 e 29 anos de idade.

De acordo Guigou, apud, Capelo et al (2007, p. 206), ser jovem é estar entre 16 e 24 anos de idade, mas, é preciso que o/a jovem se declare jovem, ou seja, para os/as autores/as é necessário analisar a relação desses/as jovens com a sociedade mais ampla, assim como os contextos históricos que definem os/as jovens de cada época.

1.2.4 – Juventudes como Categoria Social, Categoria Política, Sujeitos de Direito

Segundo Castro (2006) trata-se de uma categoria que possui diferenciações internas e que tem diferentes formas de construção de identidade. Para a autora

³ Quando na dinâmica da comunidade/sociedade não existe o conceito e vivência de juventude.

existem elementos que fazem ser uma categoria social e não uma categoria analítica como foi vista em outro tempo.

Desse modo, no processo de considerar a condição juvenil, é necessário também considerar as diferentes juventudes que estão no campo, na floresta, na aldeia, na beira do rio, na comunidade quilombola, na cidade com suas histórias, especificidades e necessidades.

Juventude não é uma fase natural do desenvolvimento humano, mas uma construção histórica e relativa define Pampols (2004).

Na 4ª Conferência Regional de Educação do Campo do Sul e Sudeste do Pará que pautou “*Educação do Campo: Juventude, Profissionalização e Projetos de Vida*”, em uma das mesas de debate Beatriz Ribeiro afirmava que a juventude é uma categoria política e acrescentou a necessidade de discutir juventude que **é** e não somente uma juventude que **será**. Juventude que deve ser pensada como presente, não somente como o futuro, o amanhã, de fato, falar em juventude somente no futuro parece adiar as condições do presente, tempo esse se não tiver condições de vida, isto é, se o presente não for garantido, como que haverá futuro? Beatriz Ribeiro acrescentou ainda que nesse debate seja importante também falar em juventudes, no plural.

O que também traz Abramo (2005, p. 43), ao dizer que hoje é preciso falar em *juventudes* e não *juventude* no singular, para não serem esquecidas as desigualdades. Diz ainda:

Essa mudança de alerta revela uma transformação importante na própria noção social: a juventude, mesmo que não explicitamente, é reconhecida como condição válida, que faz sentido, para todos os grupos sociais, embora apoiada sobre situações e significações diferentes. ABRAMO (2005, p. 43).

Considerar juventudes (no plural), portanto, não homogênea, é um passo importante no trabalho com as juventudes. Construir espaços que são importantes e necessários, mas que possam ir além de ações que visam a inclusão social as quais objetivam o combate pontual a marginalização, a violência, mas construir, com o protagonismo juvenil espaços que debatem e proponham políticas públicas de/para as juventudes, que permitam as juventudes socializar suas histórias, suas experiências, suas especificidades, suas necessidades, suas diferentes formas de viver as juventudes.

CAPÍTULO 2 – Sudeste Paraense: Por um campo bom de se viver.

Antes, de dialogar com as informações obtidas na pesquisa que trás elementos de jovens do campo no sudeste paraense, proponho primeiramente compreendermos dinâmicas anteriores as de hoje. Dinâmicas ocorridas na região do sudeste do Pará e que interferiram na configuração atual dessa região.

2.1 – Do Burgo do Itacayuna ao município de Marabá.

Processos históricos ocorridos no Brasil influenciaram nas dinâmicas locais das regiões. Para Emmi (1988,p. 21), a região de Marabá, sofreu influências diretas das lutas partidárias nacionais e com conflitos locais de cunho político e religioso. O cenário nacional era montado com mudanças sobre a organização do trabalho – “abolição oficial” da escravidão em 1888; com a República em 1889; as províncias são elevadas à condição de Estados, com isso, representantes locais ganham autonomia.

Voltando na história, são encontrados dados sobre o primeiro núcleo populacional de não indígenas⁴ conhecido da região do sudeste paraense – o Burgo do Itacayuna, que foi uma colônia agrícola surgida da expedição semi-oficial de Carlos Gomes Leitão.

Emmi (1988, p.18) analisa a trajetória do Burgo do Itacayuna de 1895 a 1913, período que registra a formação e a mudança da colônia para categoria de município, denominado de Marabá. Segundo a autora, o capitão Carlos Gomes Leitão chega ao Itacayuna em 1894, vindo de Boa Vista do Tocantins – atual

⁴ Pois por aqui já existiam populações indígenas.

Tocantinópolis -TO, o capitão fora derrotado no conflito da Boa Vista ou como ficou conhecido “guerra da Boa Vista”⁵.

Essa expedição semi-oficial era formada por um grupo de partidários de Carlos Gomes Leitão, tratava-se de vaqueiros, lavradores e comerciantes. Ao chegar à região o grupo encontrou a terra habitada pelos povos indígenas Gavião anteriormente visitada por religiosos, comerciantes, garimpeiros, bandeirantes e exploradores profissionais. MOURA (1910)⁶ apud EMMI (1988,p.19).

Essa expedição torna-se então, segundo os registros, a primeira a fixar-se no Itacayuna, pois era uma região que saindo de Belém subindo o rio Tocantins era difícil o acesso frente os trechos encachoeirados. Antes da criação do Burgo, outros núcleos populacionais foram criados a beira rio, com destaque para Cametá (1635), Baião (1694), Mocajuba (1853) e Alcobaça (1792 – atual Tucuruí).

Habitavam no Burgo, vaqueiros, agricultores, comerciantes e antigos proprietários de terras de Goiás e Maranhão. Devido problemas de insalubridade no Burgo, os habitantes de lá se deslocaram para outros locais mais propícios, o que ocasionou numa dispersão dos moradores espalhando-se beira-rio ou para povoados vizinhos. A mão-de-obra no início era aplicada nas atividades de agricultura com o plantio de mandioca para o fabrico de farinha. Já havia também a coleta de castanha, destinada para a alimentação dos colonos e dos animais. A criação de gado no Burgo é iniciada por uma das famílias moradora. EMMI (1988, p 22).

O sentimento geral da existência “dos campos gerais” para a criação de gado, motivou uma expedição criada por Francisco Coelho composta de

⁵ Carlos Gomes Leitão era partidário de Floriano Peixoto.

⁶ Ignácio B. de Moura. De Belém a São João do Araguaia; Vale do Rio Tocantins. Rio de Janeiro, H. Garnier, 1910.

empregados seus e de trabalhadores de Carlos Gomes Leitão a ir em busca desses campos, e além do procurado encontraram árvores de caucho⁷, descoberta essa que viria modificar a dinâmica da região, começando por uma intensa migração de maranhenses, cearenses e goianos, na forma de uso da terra até então destinado principalmente para a agricultura com objetivo de auto-consumo e comercialização do excedente e nas dinâmicas de domínio o que resultaria em um novo deslocamento do antigo Burgo para outra área, agora não mais sobre o pretexto de condições de insalubridade, mas na busca de uma área de melhor escoamento da produção, nisso a terra escolhida fora uma área entre os rios Tocantins e Itacaiunas.

Hipóteses são levantadas por diversos pesquisadores/as sobre o fim do Burgo do Itacayuna e a criação de Marabá. Sabe-se que não foi uma mudança de maneira espontânea, foi sim uma articulação de um grupo de comerciantes como define Emmi (1988 p. 29) permeado de interesse, a substituição do Burgo para o povoado de Marabá evidencia o fim de uma colônia agrícola para um centro eminentemente comercial.

A exploração do caucho era feita de uma forma insustentável, para adquirir o produto era necessária a derrubada das árvores, com isso, os caucheiros avançavam cada vez mais em busca de outros cauchais, a posse dessas áreas quando não delimitadas por vias legais eram definidas por meio de violência. Em 1913 o povoado de Marabá é elevado categoria de município se emancipando de São João do Araguaia, que por sua vez anteriormente se emancipara de Baião. Em Marabá é formado um pequeno grupo de famílias que deriva em uma oligarquia local que se firmaria até 1930.

⁷ Caucho: (*Castilloa ulei*), árvore amazônica, da qual se extrai um látex também utilizado para fabricar borracha, mas seu látex não apresenta as mesmas qualidades do produzido pelo gênero *Hevea* (seringueira)

2.2 – Da Oligarquia dos Castanhais aos Movimentos e Organizações Sociais

Entre 1920 e 1950 ocorrem mudanças na estrutura fundiária, econômica, social e política na região. A exploração de castanha antes feita de forma livre, passa então a ser realizada a partir do controle concentrado nas mãos de famílias que receberam a terra através de concessões com títulos de aforamento.

Sobre a exploração dos castanhais através de títulos de aforamento, Hérbette (sd, p. 119) fala:

“O Estado do Pará cedeu a exploração dos seus castanhais do Tocantins a alguns comerciantes: aforou-se por 30, 60, 90 anos. Esses foreiros acabam considerando-se verdadeiros proprietários; incorporaram inclusive às suas matas os “castanhais do povo”, em que os pobres podiam catar os ouriços por sua conta. Algumas poucas famílias acabaram tomando conta da região de Marabá.” HÉRBETTE (sd, p. 119)

Essas famílias com o poder pautado em três elementos centrais: a posse e não a propriedade da terra, a propriedade dos meios de transporte e o capital, originaram um grupo social chamado de a Oligarquia dos Castanhais. MARINHO (2007, p. 18).

Martins et al (2003), diz que no período de 1956 e 1966, nos municípios de Tucuruí, Jacundá, Marabá, Itupiranga e Conceição do Araguaia foram emitidos pelo Estado do Pará 211 títulos de aforamento de castanhais, de um total de 250 existentes em todo o Estado.

A exploração de castanha-do-pará no sudeste paraense torna a região conhecida pela vasta área de castanhais, a exploração desse produto que praticamente sustentou a economia do Pará, decai nas décadas de 1950 a 1970. MARTINS et al (2003).

Marinho (2007, p.19) atribui essa decadência a dois fatores um de caráter econômico pela crise econômica devido à grande oferta de castanha no mercado

nacional e internacional o que provocou a diminuição do preço do produto e um segundo de cunho histórico-político, refere-se aqui às políticas de desenvolvimento para a Amazônia, constituídas a partir da ditadura militar iniciada em meados da década de 1960.

Um novo modelo de desenvolvimento estava posto. MARINHO (2007, p. 19):

“A floresta que outrora era símbolo da economia vigente passa a ser um empecilho para a implantação das novas atividades agropecuárias. Mas existia um grande entrave, pois boa parte das terras da região eram áreas de exploração de castanha, terras públicas concedidas a partir dos títulos de aforamento, garantindo direito de uso restrito aos beneficiários, estando os mesmos impossibilitados de realizar derrubada e principalmente comercializar essas áreas.” MARINHO (2007, p. 19).

A nova dinâmica de “desenvolvimento”, exigia mudanças, inclusive na paisagem vegetal, ou seja, era necessária a derrubada da floresta para inserção do novo modelo, com isso os componentes da oligarquia dos castanhais pressionavam por uma regularização fundiária⁸, resultando numa sucessão de desmatamento.

Sauer (2005, p.51) diz que historicamente o Estado investiu em políticas governamentais na implementação de um modelo de desenvolvimento, baseado entre outras estratégias na devastação ambiental. Martins et al (2003) reforça ao dizer que a Amazônia torna-se alvo de uma política de segurança nacional que privilegia a integração da Amazônia através de sua ocupação e exploração.

Sobre o discurso de integrar a Amazônia ao restante do país, incentivos governamentais são liberados a grupos econômicos do Centro-Sul incentivando os projetos agropecuários, a Superintendência do Desenvolvimento para a Amazônia (SUDAM) era a principal agente nessa política. Na política de “desenvolvimento” e integração da Amazônia ao “centro” do Brasil incluiu também a abertura das

⁸ As primeiras ações do governo federal no sentido da regularização fundiária na região da Amazônia Legal correspondem ao período entre 1979 a 1984. Sérgio Sauer (2005, p.59).

rodovias – Transamazônica (BR 230) e da rodovia PA 70 (hoje BR-222), ramal de acesso à Belém-Brasília⁹.

Toda essa movimentação, Marinho (2007, p. 20), diz que com a imensidão de terras devolutas montava um cenário de disputas entre pretendentes a terra, sendo pequenos, médios e grandes interessados, entre eles para a implantação dos chamados grandes projetos como a usina hidrelétrica de Tucuruí, o início da extração mineral na serra dos Carajás pleiteada pela Companhia Vale do Rio Doce/CVRD.

Com a usina hidrelétrica de Tucuruí, por exemplo, áreas de municípios¹⁰ foram inundadas resultando na expulsão de muitas famílias, tanto na cidade, quanto no campo. No discurso do “desenvolvimento” essas famílias foram remanejadas, porém, não se remanejam a relação com aquela terra, com a dinâmica do lugar, todas as histórias de vida, todas as experiências ali construídas.

Sobre a hidrelétrica de Tucuruí, Jean Hébette (2004, p. 194) diz:

“...a área atingida pela represa da Hidrelétrica de Tucuruí, a segunda maior do país, que alargou 240.000 ha de mata virgem e de terra cultivada, inclusive lotes de colonização da Transamazônica. O projeto ameaçava diretamente diversos grupos indígenas e uma população de 4000 famílias camponesas, formada por moradores instalados na região antes dos grandes fluxos migratórios – muitos deles, inclusive, nascidos na própria região – e colonos recém-chegados (MOUGEOT, 1986; MAGALHÃES, 1991 apud HÉBETTE, 2004).

Para Sérgio Sauer (2005, p. 51), a visão oficial sobre as populações tradicionais e sobre a cultura amazônica era marcada pelo discurso e noção da necessidade de “emancipar, resgatar essas populações do atraso”. Sob esta visão, populações tradicionais foram dizimadas ou perderam seus territórios. Gonçalves

⁹ Construída na década de 1950.

¹⁰ Como Repartimento, que com a construção da hidrelétrica de Tucuruí é transferido para outra área e passa ser chamado de Novo Repartimento. Algumas famílias dos/as jovens entrevistados/as nesse trabalho sofreram esse processo.

(2001, p.127), afirma que na Amazônia a expansão capitalista se dava com uma presença estatal e decisiva.

Hébette (sd, p.124) diz que o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), criado em 1970, dava a entender que iria colonizar e fazer reforma agrária, porém suas ações resultaram somente em colonização, a intenção com a abertura da rodovia Transamazônica era assentar 100.000 famílias camponesas, o que não aconteceu, esse propósito foi abandonado e as ações então foram de estimular as grandes propriedades.

O acúmulo histórico de luta pela terra na região regada de sangue e expropriação, para Marinho (2007, p. 21) não resultou no fim da agricultura familiar camponesa tampouco não a incorporou como mão-de-obra assalariada na cidade. O enfrentamento com o poder público e com os latifundiários¹¹ serviu para o que o autor chama de processo de organização e fortalecimento do movimento social na região.

Leroy (2000, p.14), diz que “a organização sindical na região inicia-se sob o signo dos conflitos fundiários. Cada vez mais lideranças – e agentes das pastorais da Igreja Católica e das ONGs – demonstravam a sua preocupação com o futuro do que chama de campesinato migrante”.

As décadas de 1970 e 1980 representam o marco da transformação social do campo paraense após a Cabanagem (1835-1838) e do processo de desmoronamento da estrutura escravocrata na segunda metade do século XIX. HÉBETTE & MOREIRA (2004, p. 32).

¹¹ A palavra latifúndio vem do latim, “latifundiu”, e era utilizada já na Roma antiga, para caracterizar o domínio de uma grande área de terra por um único proprietário. STEDILE. João Pedro, Latifúndio: O pecado agrário brasileiro. Caderno de formação nº33. MST, 2000.

Nesse sentido o processo de organização e fortalecimento do movimento social marca na década de 1980 a retomada dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais (STR de Marabá, Jacundá, São João do Araguaia e Itupiranga) assim como a criação de STR's em outros municípios. Na luta a favor da democratização da terra é somado o apoio de outras entidades como o Centro Agro-Ambiental do Tocantins (CAT), Fundação Agrária do Tocantins Araguaia (FATA), Comissão Pastoral da Terra (CPT), Movimento de Educação de Base (MEB), Centro de Estudo e Pesquisa e Assessoria Sindical (CEPASP), Partido dos Trabalhadores (PT), Universidade Federal do Pará (UFPA) e Laboratório Sócio-Agrônomo do Araguaia Tocantins (LASAT). E em meados da década de 1990 chega ao Pará o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

E no percorrer desse contexto de articulação dos movimentos e organizações sociais e da universidade pública a Educação do Campo torna-se uma das principais pautas de debate, articulação e lutas na região, com vivências de diferentes experiências de cursos, produção prática e teórica de Educação do Campo.

Surge então em maio de 2005 o Fórum Regional de Educação do Campo do Sul e Sudeste do Pará (FREC), que além de representações dos movimentos e organizações sociais, e da universidade federal, conta também com representações de governos municipais¹².

¹² Formam o FREC (4ª Conferência Regional de Educação do Campo do Sul e Sudeste): MST, FETAGRI/Sudeste do Pará, STTRs de Pau Darco, Conceição do Araguaia, Rondon do Pará, Xinguara, Redenção; Escola Família Agrícola de Marabá; Casas Familiares Rurais (CFRs) de Tucuruí, Conceição do Araguaia, Tucumã, São Felix do Xingu, Santa Maria das Barreiras; COPSERVIÇOS; EMATER de Marabá, São Felix do Xingu, Curionópolis e Rondon do Pará; INCRA SR27; CPT de Xinguara, Tucuruí, Tucumã e Conceição do Araguaia; SINTEPP/Rio Maria; UFPA/Campus de Marabá; Campus Rural de Marabá/UFPA; Secretarias Municipais de Educação de Marabá, Xinguara, Parauapebas, Rio Maria, Conceição do Araguaia, Nova Ipixuna, São Geraldo do Araguaia e Itupiranga; Instituto de Ação Legal/Marabá; Projeto Casulo/Xinguara; CEPASP/Marabá.

Um dos eventos realizados pelo FREC é a Conferência Regional de Educação do Campo. Evento esse que na sua 4ª edição, ocorrida em 2009, pautou “*Educação do Campo: Juventude, Profissionalização e Projetos de Vida*” e que em 2011, na realização de sua 5ª edição discutirá “*Agroecologia, Educação do Campo e ATES*”.

A Educação do Campo é parte importante nos debates e lutas por um campo bom de se viver.

Capítulo 3 – Dialogando com as informações da pesquisa com jovens no Sudeste Paraense

Nesse capítulo são apresentados dados/informações que possam contribuir na identificação de perfis de jovens nas realidades do sudeste paraense. A intenção aqui é provocar um exercício de possíveis interpretações desses elementos, o que eles (elementos) possam nos dizer, o que essas informações sinalizam.

3.1 – População Jovem – Idade – Casamento – Filhos/as

Considerando os dados oficiais de população, no Brasil existem 49 milhões de jovens entre 15 a 29 anos, correspondendo a 27% de toda a população do país. Dessa porcentagem de jovens, 4,5% está no campo, sendo 8 milhões de jovens camponeses. (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNDA, 2004). Há um debate em torno desse dado, onde são questionados os critérios usados na definição de campo e cidade, dessa maneira, o número de jovens que estão no campo pode ser bem maior.

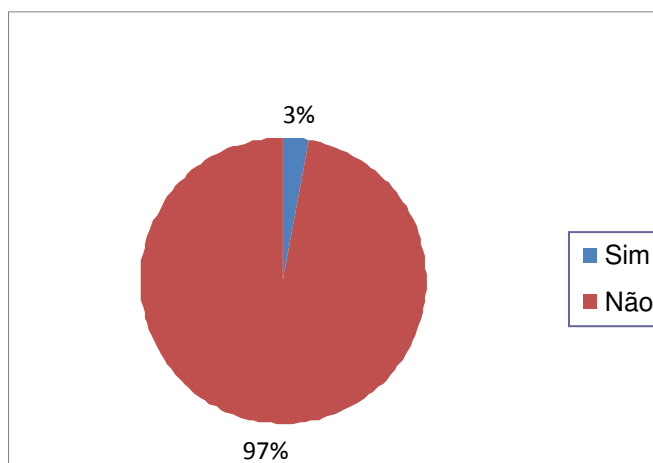
De acordo Abramo (2005, p. 46), 78% dos jovens entrevistados na pesquisa Perfil da Juventude Brasileira são solteiros. Dos casados, 35% são os mais velhos (21 e 24 anos de idade); 5% representam os mais jovens (15 e 17 anos de idade). Abramo (2005, p. 47), ao analisar os dados da pesquisa nacional com relação ao casamento dos/as jovens, diz que esses dados apontam para tendências ditas por estudos atuais ao revelar que cada vez mais jovens vivenciam experiências de “transição para a vida adulta” sem realizar a independência da família de origem.

Sobre a condição da maternidade e paternidade 22% da juventude entrevistada nessa mesma pesquisa nacional já são mães e pais, desses 22%, 47%

das mulheres e 20% dos homens tornaram-se mães e pais antes de completar 18 anos de idade.

Na relação casamento – filhos, dessas jovens mães e desses jovens pais, 20% são de pessoas solteiras, principalmente os que estão entre 21 e 24 anos de idade. A presente pesquisa com jovens no sudeste paraense consta que todo/as os 70 jovens são solteiros/as, entre esses há um caso de separação e outro de viuvez, os jovens desses casos, são os mesmos dois jovens que já têm filhos (representados no gráfico 01), o primeiro caso, trata-se de um jovem de 18 anos, que tem uma filha de oito meses de idade e com a separação a criança ficou morando com a mãe (que tem 27 anos de idade), quanto ao segundo caso é o de viuvez, refere-se a uma jovem de 21 anos, que tem um filho de cinco anos de idade, ela ficou viúva logo após o nascimento do filho, atualmente mora com o filho, os pais e irmãos.

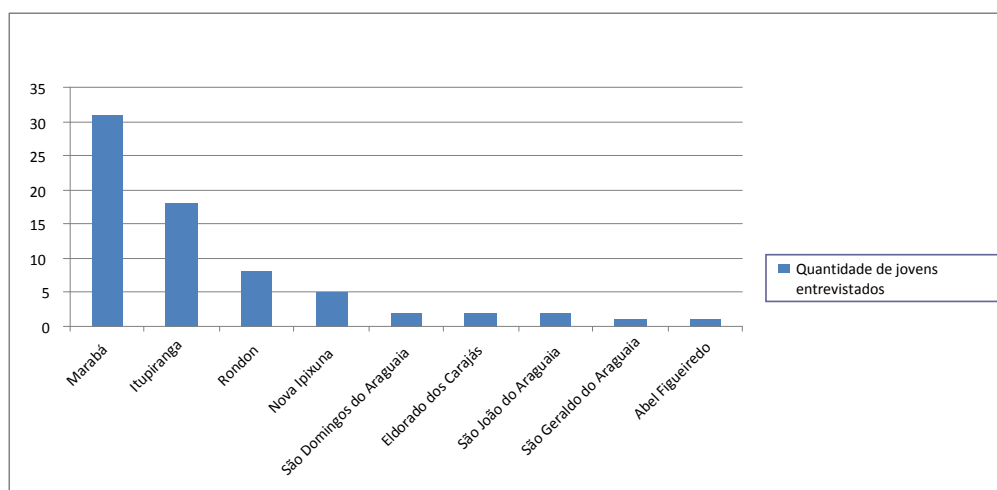
Gráfico 01: Jovens que são pais/mães:



3.2 – Onde e com quem moram os/as jovens

Os/as jovens entrevistados/as moram nos seguintes municípios do sudeste paraense: Abel Figueiredo, Eldorado dos Carajás¹³, Itupiranga, Marabá, Nova Ipixuna, Rondon do Pará, São Domingos do Araguaia, São Geraldo do Araguaia e São João do Araguaia. O gráfico 02 mostra a quantidade de jovens entrevistados/as por município.

Gráfico 02: Quantidade de jovens entrevistados/as por município.



A maioria mora em assentamentos da reforma agrária, os demais moram em vilas, acampamentos e há uma situação em que a família recentemente vendeu o lote e foi morar na cidade.

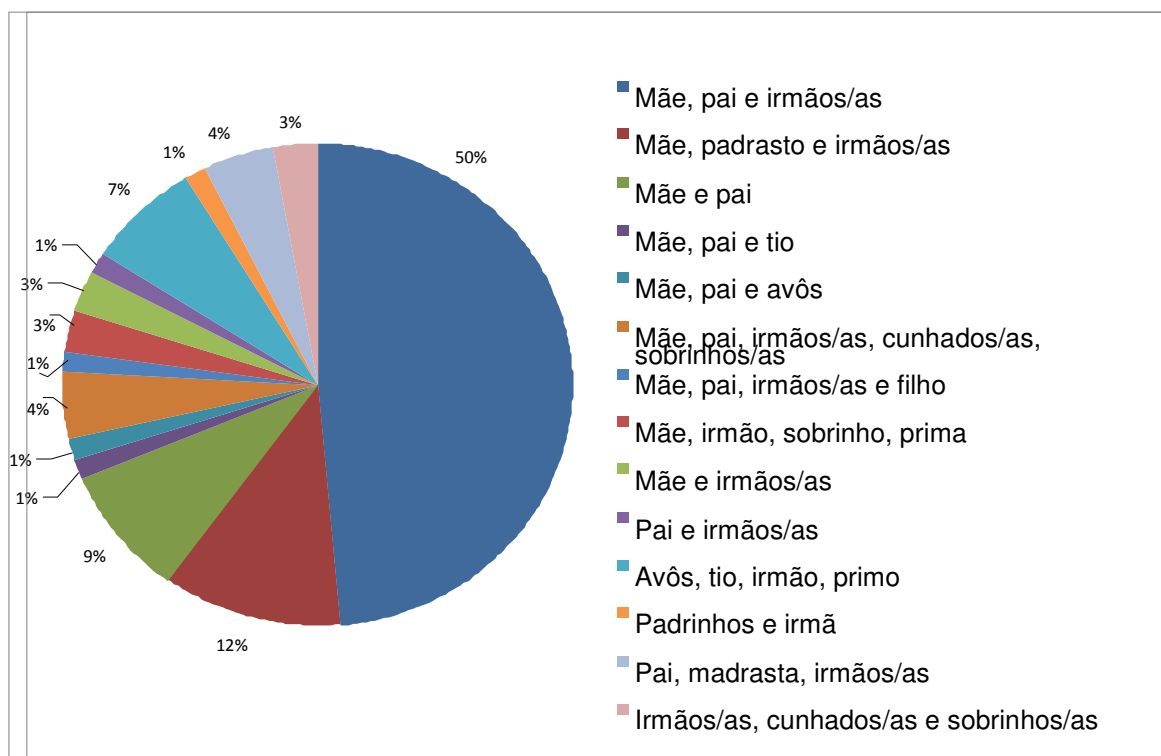
A pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira” (2005, p.377) revela dados sobre com quem os/as jovens moram. Com os pais: 48%; Com filhos(as): 19%; Só com a mãe(ou madrasta): 15%; Somente com o pai (ou padrasto): 2%; Sem pai, mãe ou filho: 15%; Sozinho(a): 1%; Com o/a conjugue e sem os pais (ou sogros): 11%; Sem conjugue: 5%; Com cômjuge e com pais (ou sogros): 3%; Com adulto mais velho: 13% e Sem adulto mais velho: 2%. Nessa mesma pesquisa nacional

¹³ Eldorado dos Carajás: Município onde ocorreu o “Massacre de Eldorado” – Abril de 1996. Onde 19 trabalhadores sem terra foram assassinados, entre eles o mais jovem tinha 17 anos de idade.

quando feita a seguinte pergunta: “Se pudesse, para quem mora com os pais mudaria já ou esperaria mais um tempo.” Os/as jovens responderam: Mudaria já sem os pais ou responsáveis: 17%; Esperaria mais um tempo para mudar: 39% e Não tem planos de morar sem os pais ou responsáveis: 43%.

Na pesquisa para o presente trabalho a metade dos/as jovens mora apenas com os pais e irmãos. A outra metade dos/as jovens apresenta as seguintes situações: a) Mãe, padrasto, e irmãos/as; b) Mãe, pai, irmãos/as, cunhados/as, sobrinhos/as; c) Mãe, pai, e irmãos/as e filho; d) Mãe, irmão, sobrinho, prima; e) Avós, tio, irmão, primo; f) Padrinhos, irmã adotada pelos padrinhos; g) Pai, madrasta, irmão, meio-irmão. O gráfico 03 representa essa realidade.

Gráfico 03 : Arranjos familiares



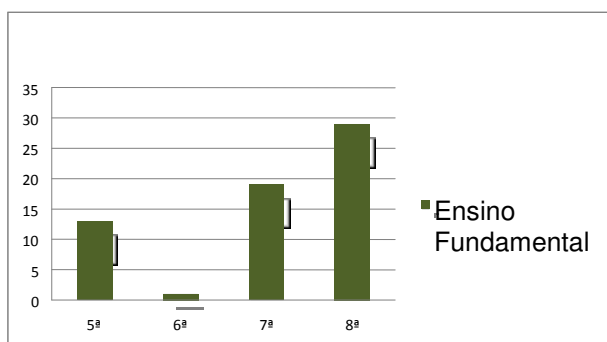
3.3 – Escolaridade

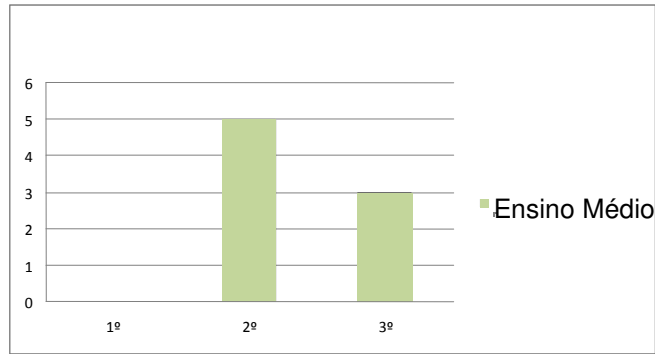
Com relação ao nível médio de ensino, Lassance (2005, p.75), diz que a média nacional é de 25,1 jovens de 15 a 19 anos matriculados e que na Região Norte do país cerca de 23,19% dos jovens estão matriculados nesse nível de ensino, na mesma faixa de 15 a 19 anos de idade. Diz ainda que na mesma região, 91% correspondem à rede estadual de ensino sendo a maior cobertura pública de ensino nesse nível no país.

Todos/as os/as jovens entrevistados/as nesse trabalho estão na escola, em todos os anos do ensino fundamental e no 2º e 3º ano do ensino médio.

A maioria dos/as jovens entrevistados/as estudou na Escola Família Agrícola de Marabá e os entre os/as demais que são os/as jovens que moram na Vila Sororó, parte cursa o ensino fundamental na própria vila e a outra parte faz o ensino médio na cidade de Marabá, pois na vila não é ofertado esse nível de ensino todos os dias os/as estudantes vão para escola em um ônibus da prefeitura do município, lembrando que a distância entre a vila e a cidade é de 35 km. Os gráficos 04 e 05 ilustram a escolaridade desses/as jovens.

Gráfico 04 e 05: Escolaridade





3.4 – Juventude e Migração.

Dos/as jovens entrevistados/as na presente pesquisa, a minoria tem mãe e/ou pai nascidos/as no Pará. Os gráficos 06 e 07 revelam que praticamente a metade, tanto das mães (41%), quanto dos pais (48%) é nascida no Estado do Maranhão. Muitas entre as experiências de migração foram vivenciadas durante processos migratórios citados no capítulo anterior.

Gráfico 06: Naturalidade das mães

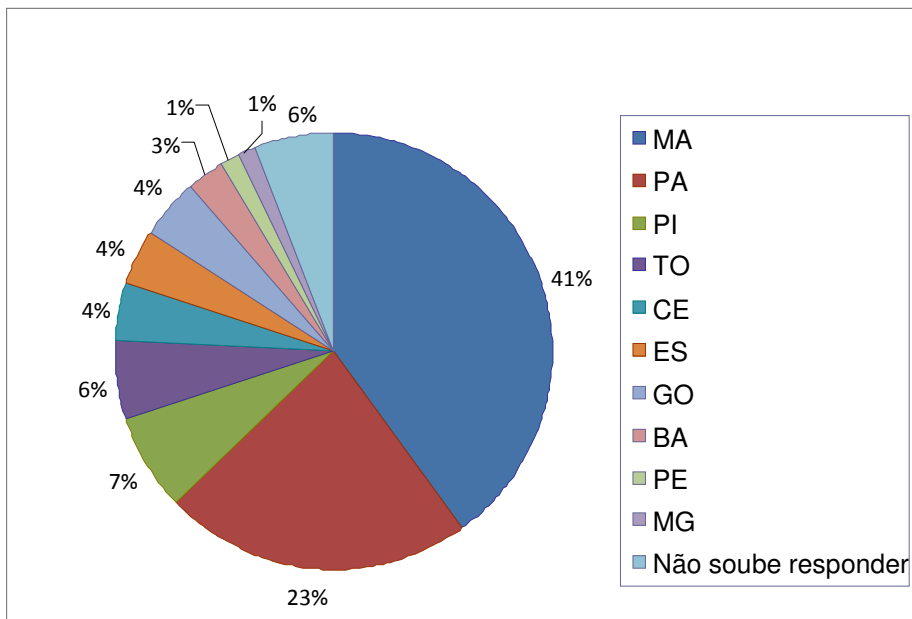


Gráfico 07: Naturalidade dos pais

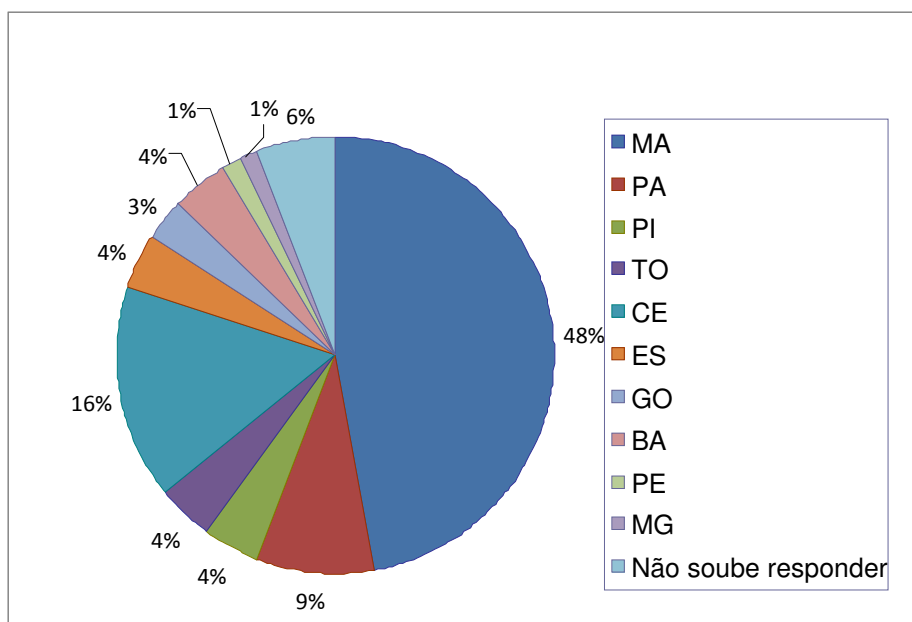
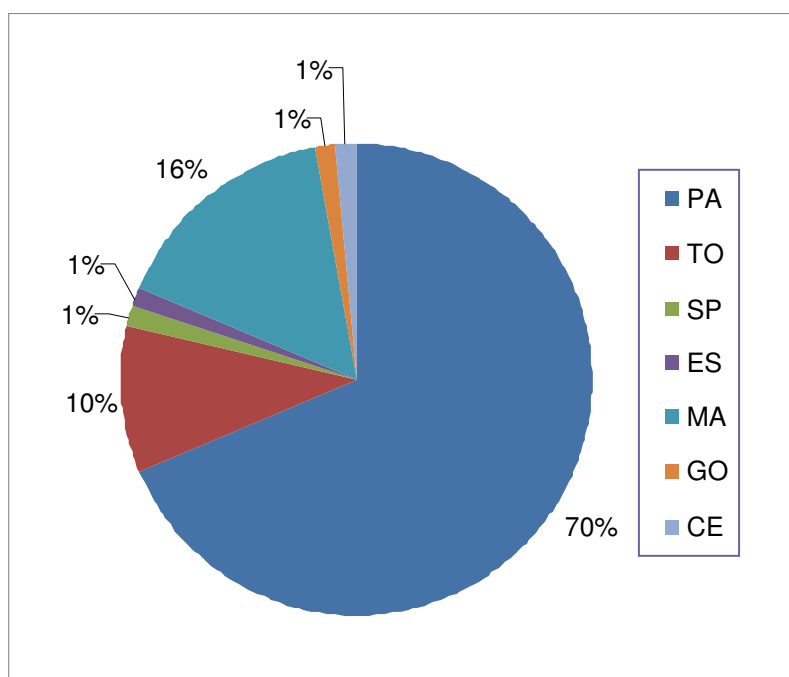
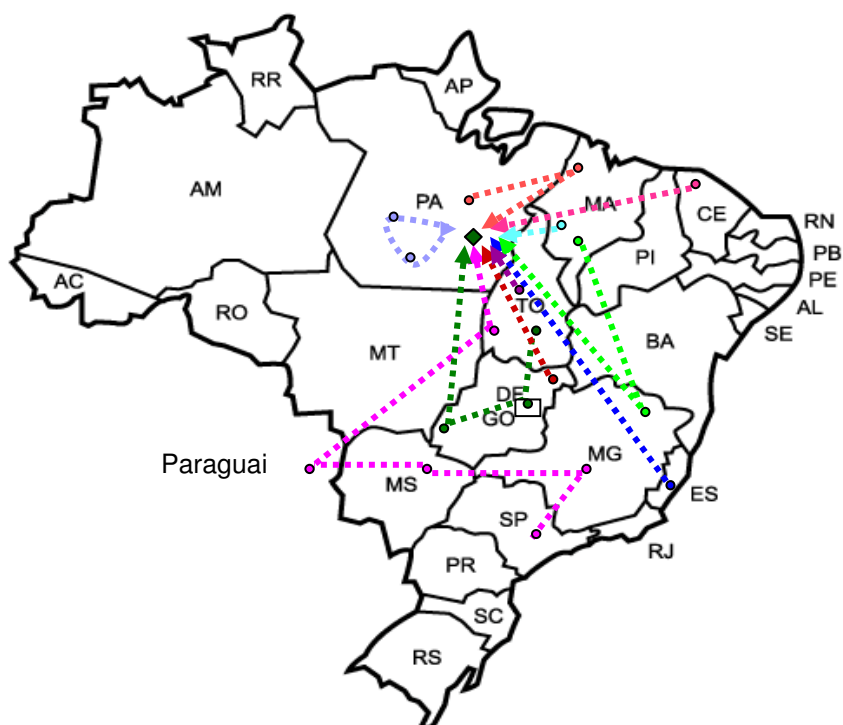


Gráfico 08: Naturalidade dos/as jovens



De acordo o gráfico 08 percebe-se que 70% dos/as jovens entrevistados/as são paraenses. O mapa 01 apresenta experiências de migração dentro do próprio Estado do Pará e experiências de migração entre Estados.

Mapa: Trajetória Migratória



No percorrer dessas trajetórias vivenciaram diferentes experiências de migração de campo para campo, de campo para cidade, de cidade para o campo. É uma juventude que traz na sua história de vida experiências de migração adquiridas com sua família ou mesmo individualmente.

Para Carneiro (2005, p. 245), a juventude rural se destaca como a faixa demográfica mais afetada pelas dinâmicas no campo. A autora diz (p. 247) também que os três assuntos que mais interessam os jovens tanto do campo quanto da cidade são: educação, trabalho e lazer.

Os/as jovens entrevistados/as para esse trabalho dizem que os/as jovens vão para a cidade pelos dois principais motivos: educação (49 entre 70 jovens) e trabalho (33 entre 70 jovens). Além de educação e trabalho, esses/as jovens

atribuem outros motivos que explicam a ida de jovens do campo para cidade. Importante observar que alguns desses outros motivos, mesmo que não aparecem claramente nas falas, mas estão diretamente ligados à educação e ao trabalho, como quando dizem que na cidade a vida de modo geral será melhor e diferente da vida dos pais, pois ter uma vida melhor para esses jovens estar representada na garantia do estudo e do trabalho.

Camurano e Abramovay (1999), apud, Capelo et al, 2007, falam de uma desruralização caracterizada pela evasão de mulheres e jovens. Na década de 1960, estava na faixa de 40 a 49 anos de idade as pessoas que migravam para as cidades, já na década de 1990 essa faixa etária passa ser de 15 a 19 anos.

Castro (2007, p. 58), fala de uma classificação de elementos objetivos e subjetivos relacionados à migração juvenil para as cidades. Aos elementos subjetivos é atribuída a atração do jovem pelo meio urbano, ou ainda pelo estilo de vida urbano. Dificuldades como acessos a escola e trabalho, são questões que as pesquisas têm apontado como elementos objetivos.

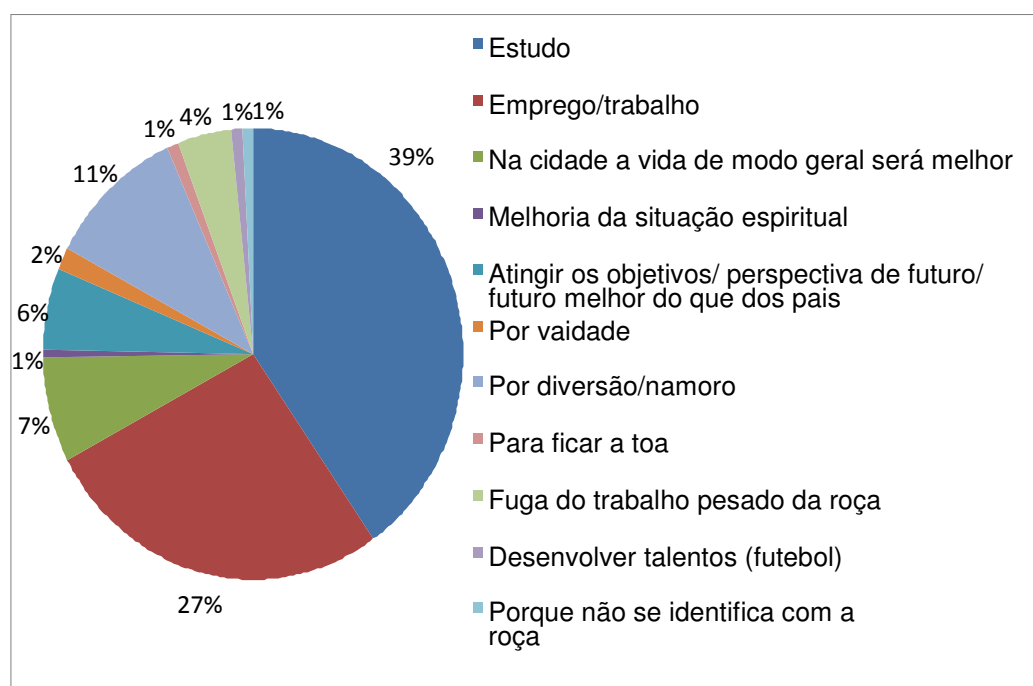
Entre a migração do/a jovem que está no campo para a cidade, ainda se acrescenta mais um elemento - as jovens migram mais do que os jovens.

Em determinados casos a mãe acaba saindo também para morar/acompanhar a(s) filha(s) na cidade. Weisheimer (2004, p.08) diz que 52% da migração jovem para a cidade correspondem à migração feminina.

Dos/as jovens entrevistados/as na presente pesquisa a maioria confirma que são as jovens que mais migram para a cidade, e dizem que os motivos que explicam essa migração jovem-feminina são: ser mais interessada, estudo, sonhar mais com o futuro, são mais vaidosas ou para namorar (esse último foi atribuído principalmente pelos homens). Dentre os/as jovens que disseram que a migração para a cidade

predominante não é das jovens, teve-se duas respostas, um grupo afirmou que quem mais migra para as cidades são os jovens do sexo masculino, as justificativas atribuídas foram: busca de emprego, arrisca-se mais cedo viver sozinho, preocupado com o que pretende ser ou tem mais liberdade. E outro grupo respondeu que essa migração é uniforme entre moças e rapazes, atribuiu as saídas pelos mesmos motivos citados nos dois grupos acima. O gráfico 09 mostra os motivos atribuídos pelos/as jovens entrevistados/as na presente pesquisa sobre a migração de jovens do campo para cidade.

Gráfico 09: Motivos migração campo-cidade



Perguntados/as se os/as jovens que eles/as vêm indo para cidade, depois de certo tempo voltam para o campo, responderam: Raramente, Dificilmente, Alguns; Quando alcançam seus objetivos nem sempre voltam; Se voltarem é só para passeio e Voltam sim: porque não se adaptaram na cidade e/ou por saudades da terra e da família.

Quando os/as jovens entrevistados/as aqui nesse trabalho, falam da migração jovem camponesa para a cidade, muitos/as deles/as se baseiam nas experiências de famílias vizinhas ou mesmo da sua própria família onde seus irmãos ou irmãs passaram [e passam] por esses processos, alguns acrescentam que têm irmãos/as que saem de casa para trabalhar em outras áreas rurais.

Dos/as jovens entrevistados/as exatamente a metade diz não ter na família essa experiência. E a outra metade afirma que têm irmãos/as que foram para a cidade ou outras áreas rurais. Nesse segundo caso aparecem as seguintes situações:

- i) Saída das moças para a cidade. Motivos: Trabalho; Estudo; Há caso de jovens que foram para a cidade pelos dois motivos citados acima e casou-se na cidade.
- ii) Saída das moças para outras áreas rurais. Motivos: Casou e acompanhou o marido que trabalha em fazenda; Casou e mora em outra área da terra da família.
- iii) Saída dos rapazes para a cidade. Motivos: Trabalho; Estudo.
- iv) Saída dos rapazes para outras áreas rurais. Motivos: Lecionar na vila; Trabalhos fixos ou temporários em outros lotes ou fazendas; Casou e mora na fazenda dos sogros.

Nos casos de migração dos/as jovens para a cidade, as cidades citadas foram: Eldorado dos Carajás-PA, Parauapebas-PA, Marabá-PA e Goiânia-GO.

Nas situações acima aparecem dados sobre casamento, casos de jovens que foram para a cidade trabalhar e estudar e lá casaram com jovens da cidade, ou mesmo de jovens que saíram da casa materna e moram em outras áreas rurais.

Quando Moura (1986, p. 26) fala do casamento aborda a questão do celibato:

“Na área camponesa de Lesquire, no país basco francês, havia o celibato dos irmãos, à exceção do primogênito. A este se destinava a propriedade parcelar da família, controlando até mesmo o trabalho dos demais. A esta regra se associava a de primogenitura na herança, que impedia a fragmentação da propriedade pela sucessão bilateral, como estava prevista no código civil francês.”

Citando ainda exemplos franceses, fala sobre a saída das moças para a cidade e dos rapazes para outras áreas rurais, diz que as moças antes se submetidas ao celibato na casa paterna, mudam esse comportamento e saem do campo, vão para a cidade e casam-se com homens da cidade, diz ainda que tal comportamento é uma atitude de contrapartida equilibrada aos seus irmãos que saem de casa a procura de trabalho temporário em outras áreas rurais vivenciando também o casamento longe da casa paterna, conclui dizendo que essa realidade também é verdadeira no campo brasileiro. MOURA (1986, p 26).

A saída das jovens é refletiva por Capelo et al (2007) onde dizem que na agricultura familiar, as moças saem mais cedo do campo se comparadas aos rapazes. Segundo os/as autores/as esse fenômeno ocorre em função da herança da propriedade, ou seja, ao perceber que não terá terra para todos/as filhos/as, as moças vêm na cidade uma determinação, e não uma opção. Isso pode nos remeter a uma questão: parece ser mais socialmente aceitável que o filho case e more com a esposa na casa dos pais dele, do que a filha que estaria casando-se com um rapaz incapaz de garantir uma casa para a nova família que se inicia.

3.5 – Juventudes: Elaboração de Lazer. E Maneiras de vivenciar a experiência de grupo com os pares.

Tomar juventude como homogênea implica em compreendê-la de forma limitada também ao se falar de lazer e cultura, definiu-se então a juventude como única e associa-se as culturais juvenis com “essência” de momentos de fruição de divertimentos, prazeres e distância do mundo do trabalho, como definem. BRENNER et al (2004, p.175).

Para Brenner et al (2005, p. 176) a pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”, revela traços da diversidade da cultura, bem como denuncia que essa diversidade se processa sobre bases sócio-econômica desiguais revelando possibilidades de acesso, experimentação, consumo e criação dos mundos da cultura, do lazer e do tempo livre. Dessa maneira então não há como dizer que existe um só tipo de juventude, que vivencia experiências de lazer, cultura de forma igual, há inclusive um modelo consumista que se impõe como padrão, sobre o esforço de excluir qualquer outra experiência.

Segundo a pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira” (2005, p. 417) ouvir rádio é uma atividade que se destaca para 89% dos/as jovens na cidade e para 83% dos/as jovens no campo. Sobre assistir TV, fazem 92% dos jovens da cidade e 86% dos/as jovens do campo. E a terceira atividade que se destaca na pesquisa é encontrar os amigos para 82% dos/as jovens tanto cidade quanto campo.

Perguntados/as sobre como e onde costumam se divertir as atividades que predominam entre os/as jovens entrevistados/as para o presente trabalho são as relacionadas a música (ouvir, cantar e dançar), os estilos musicais prediletos são sertanejo, melody, calypso, mpb, rap, gospel, internacional. Utilizam para ouvir as músicas aparelhos como celular, ipod's, cd e dvd, rádio e computador. Aparecem

também assistir TV com os programas de desenho animado, jornal, novela, filme, programas de auditório, programas esportivos e sobre agricultura. Destacam-se também atividades esportivas, o futebol e sinuca são citados exclusivamente pelos homens e a queimada é citada pelas mulheres.

Os/as jovens respondem também que costumam freqüentar os rios, igarapés, balneários e outros. Aparece ida em festas e namoro, inclusive é durante as festas que a maioria dos/as jovens diz namorar. É tida pelos/as jovens como atividades de lazer atividades de pesca e caça, a primeira ocorre muitas vezes durante os banhos no rio citado logo acima e a segunda quase sempre acontece na companhia do pai, tio ou outro parente mais velho do sexo masculino. Os/as jovens falam que as atividades da igreja, além de espaços de oração é também espaços que promovem atividades de lazer e destacam as festas. Muitas dessas vivências na igreja são através de participação em grupos de jovens da própria igreja.

Sair com amigos/as também é atividade citada pelos/as jovens, citam como exemplo, idas em lanchonetes e piqueniques. Visitar amigos/as e vizinhos/as aparece como atividades de lazer e também visitas em vilas, onde além de visitar amigos/as, vão a festas e freqüentam bares na beira da estrada. Aparece também jogos de vídeo-game, freqüentar cyber café, acessando principalmente os sites de relacionamento. Pilotar carro, andar de moto, pedalar, andar na mata, cavalgar, cuidar do gado. Ir à praça, andar na orla da cidade.

Estudar e estar na escola também significa lazer. Ler é citado por alguns jovens como atividade de lazer, aparece também desenhar. Estar com a família é dito pelos/as jovens como atividade de lazer, como exemplo é citado a atividade de cozinhar com o pai e a irmã nos finais de semana.

Brincadeiras são citadas como pega-pega, esconde-esconde, boneca e empinar pipa. Aparece caso de cantar em uma banda musical e outros casos de dançar em quadrilha junina, nos festejos juninos.

Brenner et al (2005, p. 176) compreendem o lazer como um tempo sociológico e que a turma de amigos cumpre papel significativo na construção de subjetividades positivas. Dizem ainda, (2005, p.177) que no espaço-tempo lazer, os jovens consolidam relacionamentos, consomem e (re) significam produtos culturais, fruição, sentidos estéticos e processos de identificação cultural.

Reconhecer que existem sujeitos culturais completos residentes no campo, portadores de múltiplas formas, conteúdos de saberes culturais organizados historicamente na relação de homens e mulheres na medição do trabalho, das festas e dos rituais com a natureza, é condição para entendê-los não apenas como sujeitos de falta. A cultura urbana, nesse sentido, não deve se apresentar como superioridade artística diante do que muitas vezes é considerado “folclore” e artesanato rural, mas como registro outro que se coloca em relação de diálogo e complementaridade com o fazer cultural dos sujeitos do campo. BRENNER et al (2005, p. 177)

3.6 – Juventude e Organização Social

Com relação a organização e participação social, a pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira” diz que 85% dos jovens não participam de grupo algum de jovens, restando apenas 15% que diz participar de grupo de jovens, são eles: grupo de jovens da igreja/religioso (4%), grupo de música (3%), grupo de dança (2%), grupo de teatro (2%), grupo de futebol/jogo de futebol e outros grupos (3%).

Carneiro (2005, p.259) diz que 87% dos jovens da cidade e 81% dos jovens rurais nunca participaram de associações ou grupos comunitários voltados para resolver problemas desses espaços. Proporções semelhantes são encontradas nas pesquisas sobre a participação de jovens nas reuniões de movimentos sociais, e ainda maior em reuniões de partidos políticos.

Entre os/as jovens da presente pesquisa sobre a participação desses/as em organizações sociais, uma grande parcela participa de algum ou mais tipo de grupo, seja ele um grupo exclusivo de jovens ou mistos (com crianças, jovens e adultos), outra parte não participa, porém, diz já ter participado e que a justificativa de ter saído do grupo foi a mudança da família para morar em outro local, desses, uma parte diz freqüentar pontualmente a reunião da associação do PA, mas diz que não é orgânica da associação. Outra parcela diz que vai à reunião/encontro do grupo de jovens de igreja evangélica, mas diz que não é do grupo, apenas visita pontualmente. E uma pequena parte diz não participar e nunca ter participado de grupo algum.

Chama atenção entre os/as jovens que participam de algum grupo, aqueles/as que participam de grupo especificamente de jovens, predominando os grupos de jovens das igrejas tanto católicas ou evangélicas.

Novaes (2005, p.263), fala que a religião pode ser vista como um dos aspectos que compõem o mosaico da grande diversidade da juventude brasileira, onde 15% dos jovens que declararam participar de algum grupo de jovens, os grupos de jovens da igreja aparecem no topo do ranking. A autora diz que 65% dos jovens se declaram católicos, são jovens que estão nas capitais, regiões metropolitanas, municípios de grande e médio porte, mas que comparados com outras religiões esses jovens estão em maior quantidade nos municípios de pequeno porte.

Novaes (2005, p.269) diz que segundo a pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”, 22% dos/as jovens entrevistados/as se declaram evangélicos/as, diz ainda que a definição dos evangélicos pela literatura especializada é de acordo a época de origem, a procedência geográfica e certas ênfases doutrinárias.

Fundamentadas na referência geográfica européia e na Reforma do século XVI define-se os protestantes históricos, tendo também como característica a migração ou a missão, a exemplo os batistas, os presbiterianos, os luteranos, os episcopais, os metodistas, os anglicanos e os congregacionais. Referentes as denominações pentecostais de origem protestantes tiveram como referência geográfica os Estados Unidos e o início do século XX, e já nasce com a característica transnacional. E o Brasil participou do processo inicial do movimento pentecostal mundial. Das denominações pentecostais destacam-se as duas mais antigas Assembléia de Deus e Congregação Cristã do Brasil.

Outro grupo que os jovens da presente pesquisa (sudeste paraense) dizem participar é o time de futebol que se configura não somente por jovens, mas também com a presença de adultos, essa atividade é predominantemente citada pelos jovens, nenhuma das jovens entrevistadas cita a participação em times de futebol. Aparece também a participação em grupos de mulheres e de juventude de partido político. De acordo a pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira” (2005, p.401), mais da metade dos/as jovens entrevistados/as declarou que gostaria de fazer parte de um clube ou associação esportiva.

Nos quadros (em anexo) são organizadas duas situações que ilustram a vivência dos/as jovens em grupos. A primeira situação é a dos/as jovens que participam atualmente de algum grupo (Quadros 06 ao 14) e a segunda trata dos/as jovens que já participaram de algum grupo (Quadros 15 e 16). Em ambas as situações são consideradas: O motivo que levou o/a jovem escolher o grupo para participar; Em que o/a jovem acha que o grupo contribui em sua vida e Qual o motivo que resultou na saída do/a jovem do grupo (na segunda situação).

3.7 – Identidades e Perspectivas

Weisheimer (2005, p.25), apresenta algumas denominações que aparecem em trabalhos sobre essa juventude que vivencia suas experiências no espaço campo, são elas: Alunos rurais; Jovens do campo; Jovens do interior; Jovens do sertão; Jovens empreendedores rurais; Jovens empresários rurais; Jovens filhos de agricultores; Jovens rurais ribeirinhos; Jovens sem-terra; Juventude em assentamento rural; Juventude escolar rural; Juventude escolar rural e Juventude rural.

Em seguida organiza essas denominações apresentadas nos trabalhos em dois princípios de classificação. Um deles considera a dimensão geográfica onde residem os/as jovens das pesquisas e o outro é definido a partir da análise de processos de socialização em determinadas ocupações dos/as jovens pesquisados/as. E depois apresenta e chama o seguinte quadro como Categorias de jovens segundo sua matriz de análise:

Quadro 02: Categorias de jovens segundo sua matriz de análise

Geográfica – Residencial	Socialização – Ocupacional
Jovens do campo	Jovens agricultores
Jovens do interior	Jovens assentados
Jovens do sertão	Jovens empresários rurais
Juventude rural	Jovens estudantes rurais
Juventude rural ribeirinha	Jovens sem-terra

Faço o exercício de organizar as respostas dadas sobre esse assunto pelos/as jovens nesse trabalho. No quadro elaborado tem-se:

Quadro 03: Categorias de jovens segundo sua matriz de análise – Jovens no sudeste paraense.

Geográfica – Residencial	Socialização – Ocupacional
Jovem da roça	Jovem agricultor/a
Adolescente da roça	Jovem pequeno agricultor
Jovem do campo	Jovem filho/a de agricultor/a
Jovem urbana	Jovem neto de agricultor
Criança/jovem roça cidade	Jovem estudante
Adolescente da roça e da cidade	Adolescente agricultor
Jovem da roça e a cidade	Adolescente filho agricultor
	Criança agricultora

Além das citações no quadro 03, alguns jovens dizem se identificar apenas como adolescente ou somente como jovem.

De acordo a pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira” (2005, p. 385) sobre quais as expectativas em relação aos próximos cinco anos, os jovens responderam: Vai melhorar: O mundo: 34%; O Brasil: 48%; A vida pessoal: 92%. Vai piorar: O mundo: 35%; O Brasil: 21%; A vida pessoal:2%; Vai ficar como está: O mundo:25%; O Brasil: 27%; A vida pessoal: 4%; Não sabe/não respondeu: O mundo: 5%; O Brasil:3%; A vida pessoal:2%.

Quando perguntados quais os principais motivos para achar que a vida pessoal vai melhorar os jovens responderam: conseguir trabalho/emprego melhor:52%; Vai terminar os estudos /estar estudando:37%; Vai estar melhor financeiramente/ ter independência financeira: 23%; Vai adquirir bens materiais/casa/carro/coisas que deseja:12%; Vai construir uma família/ tem uma família que o/a apóia:11%; Vai estar mais madura/fazer suas próprias escolhas: 6%;

outros motivos: 26%. 4% respondeu que vai ficar como está; 1% disse que neste tempo não vai acontecer nenhuma mudança; 1% disse: Não sei se terei emprego; Vai piorar para 2%; Por causa do emprego disse 1% e outras:1%. “Perfil da Juventude Brasileira” (2005, p. 386)

Quando perguntado sobre os sonhos para o futuro as respostas dadas pelos/as jovens entrevistados/as nesse trabalho aparecem com elementos de sonhos caracterizados como pessoais e outros coletivos, também sonhos bem gerais e outros bastante específicos. Organizo essas respostas em cinco grupos.

O primeiro caracterizado por sonhos de estudo/formação, trabalho, ter casa própria, automóvel, onde mais da metade expressou sonhos de fazer um curso superior citaram Agronomia, Direito, Psicologia, Medicina e Medicina Veterinária. Entre os/as jovens que almejam fazer um curso superior houve caso que foi dito que esse plano/sonho não é próprio, mas da avó. Há casos de jovens que pretendem fazer ensino médio técnico agrícola entre esses há casos que ainda não definiu qual curso superior, mas que pretende cursar esse nível de ensino e casos de que ainda não pensou em fazer. Alguns jovens querem seguir carreira militar.

Ainda no primeiro grupo aparecem sonhos de trabalho, de ter casa ou terra própria. Aparece também os sonhos de ter carro, moto, ser jogador profissional de futebol, nesse último durante a entrevista houve caso em que o jovem disse que esse sonho estar muito longe e depois desse comentário complementa que pretende então fazer um curso superior. É citado também sonhos de ter negócio próprio; de ser bailarina, cantora ou compositora.

O segundo grupo trás sonhos que ressaltam a felicidade, a paz, o amor, ter uma postura bem vista pela sociedade, constituição de família, encontrar o pai.

O terceiro grupo situa onde os/as jovens querem morar, aparecendo situações como morar na cidade; ter residência na cidade e no campo simultaneamente; morar no campo; morar perto dos pais, essa última resposta é o caso de um jovem que diz querer continuar morar no campo, mas dependerá dos pais, cita como exemplo a questão de saúde, diz se for preciso mediante a situação dos pais adoecerem e precisar morar na cidade ele os acompanhará.

O quarto grupo cita os/as jovens que até então não pensaram elementos de projeto de vida há caso onde a conclusão da fala é: *“ainda não tenho planos e nem pressa para o meu futuro, pois o que eu vou ser Deus já sabe”*.

E o quinto grupo destaca elementos de contribuição, ajuda a alguém, de solidariedade - *“ajudar sempre quem precisa de mim”*. Ajudar a comunidade que participa. De continuar o trabalho com jovens – *“ajudar outros jovens estarem mais perto de Jesus Cristo”*. De ajudar os avós, pais, irmãos, amigos e padrinhos - de *“formar em alguma profissão que eu goste e procurar ajudar meus pais, por que nós somos pobres”*. Aparece ainda no quinto grupo o sonho em ver a irmã formada, esse jovem diz na entrevista que sua irmã sonha a mesma coisa para ele e também o caso de uma jovem que diz que não pretende casar para ajudar os pais, pelo fato de ser filha única, e que casando-se estaria abandonando os pais.

Considerações finais

As informações/dados apresentados nesse trabalho podem definir um entre os diferentes perfis que representam as realidades de juventudes camponesas do campo sudeste paraense, do campo brasileiro.

Por isso a necessidade de não ter a juventude como homogênea, existem diferentes formas, espaços, compreensões de vivências de juventudes. Na negação e invisibilização de outras formas de vivências de juventudes, como as que estão organizadas em igrejas, movimentos e organizações sociais, pelo menos dois modelos de jovens são vendidos, sobretudo pelos meios de comunicação – de um lado jovens saudáveis, ricos, consumistas, individualistas, com futuro garantido e de outro lado jovens empobrecidos, violentos e que não passará da juventude.

As juventudes devem ser consideradas como sujeitos de direitos e as PPJ's (Políticas Públicas de Juventude) devam ser elaboradas e executadas na perspectiva das diversidades.

As juventudes camponesas não devem ser pensadas descoladas das questões do campo, nem como minoria, esse debate amplia na discussão do que é campo e do que cidade.

A saída da juventude do campo para a cidade, por exemplo, não pode ser justificada por que não terá terra para todos/as da família, e estudar não pode ser vantagem só pra quem sai de casa, estudar é para quem fica e para quem sai. É interessante discutir os elementos subjetivos e objetivos em torno da migração juvenil.

A partir do debate sobre a invisibilidade e migração dos/as jovens camponeses/as para as cidades outros elementos devem ser pautados como elementos que apontam para outra realidade – a situação dos/as jovens que

permanecem no campo, dentro disso quais os motivos que fazem esses/as jovens continuarem nesses espaços, sendo que em muitos casos a atuação social entre esses jovens por dentro dos movimentos sociais tem feito reflexões sobre a permanência no campo, no entanto, de uma permanência com condições de vida e dentre essas condições a Educação do Campo é uma das pautas/bandeiras fundamentais, o que é importante por estar ligada também a elementos da condição juvenil.

Referência Bibliográfica

ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: Helena Wendel Abramo e Pedro Paulo Martoni Branco (Org.). Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma pesquisa nacional. – São Paulo: Fundação Perseu Abramo: 2005.

BRENNER, Ana Karina. DAYRELL, Juarez e CARRANO, Paulo. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: Helena Wendel Abramo e Pedro Paulo Martoni Branco (Org.). Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma pesquisa nacional. – São Paulo: Fundação Perseu Abramo: 2005.

CAPELO, Maria Regina Clivat. MARTINS, Suely Aparecida e AMARAL, Wagner Roberto Do. Jovens do Campo: a procura de visibilidade social. In: Leila Sollberger Jeolás, Maria Ângela Silveira Paulino e, Maria Regina Clivat Capelo (Org.). Juventudes, desigualdades e diversidades: estudos e pesquisas. – Londrina: Eduel, 2007.

CARNEIRO, Maria José. Juventude rural: projetos e valores. In: Helena Wendel Abramo e Pedro Paulo Martoni Branco (Org.). Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma pesquisa nacional. – São Paulo: Fundação Perseu Abramo: 2005.

CASTRO, Elisa G. de. Os sonhos e os desafios da juventude rural. Revista Sociologia (Especial)-Juventude Brasileira, ano I nº2, 2007.

_____. Juventude rural no Brasil: procesos de exclusão e a construção de um ator político. Revista Latinoamericana de Ciências Sociales, Niñez y Juventud, Manizales, Doctorado en Ciencias Sociales, Niñez y Juventud del Centro de Estudios Avanzados en Niñez y Juventud de la Universidad de Manizales y el Cinde, vol. 7, núm. 1, (enero-junio), 2009.

_____. Juventude Rural: Entre ficar e sair. 26.11.2006. Rio de Janeiro. Entrevista concedida ao Observatório Jovem do Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.uff.br/observatoriojovem/materia/juventude-rural-entre-ficar-e-sair>

DICK, Hilário. Gritos silenciados, mas evidentes – Jovens construindo juventude na história. São Paulo: Loyola, 2003.

EMMI, Marília Ferreira. A Oligarquia do Tocantins e o domínio dos castanhais. – Belém: Centro de Filosofia e Ciências Humanas/NAEA/UFPB, 1987.

Fórum Regional de Educação do Campo do Sul e Sudeste do Pará (FREC): <http://www.freccupa.net.br/>

GONÇALVES, Carlos W. P.. Amazônia, Amazônias. São Paulo: Contexto, 2001.

HÉBETTE, Jean. A questão da terra.

_____.A luta sindical em resposta às agressões dos grandes projetos. Cruzando a fronteira: 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia – Os grandes projetos. A questão ambiental: problemas e propostas. Belém: EDUFRA, 2004, vol. 3.

_____ e Edma S. Moreira. A macha do trabalhador do campo rumo à cidadania. Cruzando a fronteira: 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia – Um novo campesinato amazônico. O papel das instituições científicas e de seus pesquisadores. Belém: EDUFRA, 2004, vol.4.

LASSANCE, Antônio. Brasil: Jovens de norte a sul. In:, Helena Wendel Abramo e Pedro Paulo Martoni Branco (Org.). Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma pesquisa nacional. – São Paulo: Fundação Perseu Abramo: 2005.

LEROY, Jean P.. Da Fronteira sem Lei nem Direitos a uma Democracia em Construção: O campesinato da região de Marabá nos anos 80 e a criação do CAT. In: Jean Hébette e Raul Navegantes (Org). CAT – Ano décimo: etnografia de uma utopia. Belém: UFFPA, CAT, 2000.

MARINHO, Dalcione Lima. Entre Ideologias & Utopias: As expectativas dos jovens rurais quanto ao seu ingresso na Escola Família Agrícola de Marabá. 2007.

MARTINS, José de Souza (coord). Travessias – A Vivência da reforma agrária nos assentamentos. Porto Alegre: UFRGS Editora,2003.

MOURA, Margarida Maria. Camponeses. São Paulo: Ática S.A. 1986.

PAMPOLS, Carles Feixa. A construção histórica da juventude. In: Augusto Caccia-Bava Junior,_____, Yanko Gonzalez Cangas (org.). Jovens na América Latina. São Paulo: Escritos, 2004.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios-PNDA,2004.

SAUER, Sérgio. Violação dos direitos humanos na Amazônia: conflito e violência na fronteira paraense. Goiânia: CPT; Rio de Janeiro: Justiça Global; Curitiba: Terra de direitos, 2005.

STEDILE. João Pedro, Latifúndio: O pecado agrário brasileiro. Caderno de formação nº33. MST, 2000.

WEISHEIMER, Nilson.Juventudes rurais: mapa de estudos recentes - Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, Estudos Nead;7, 2005.

ANEXOS

Quadro 04: local onde moram os/as jovens

Local onde moram	Quantidade
Projeto de Assentamento (PA)	43
Vilas	07
Acampamentos	05
Caseiros na escola	01
Família acaba de vender o lote	01

Quadro 05: Migração jovem do campo para a cidade

Quem vai mais: Mulher	Quem respondeu	Quantidade
	Mulher	18
	Homem	23
<p>Motivos:</p> <p>Ser mais interessada;</p> <p>Gostar de se especializar;</p> <p>Ter outras chances de trabalho;</p> <p>Também quer estudar;</p> <p>O local não oferece o que quer;</p> <p>Sonham mais com o futuro;</p> <p>São mais vaidosas;</p> <p>Para namorar.</p>		
Quem vai mais: Homem	Quem respondeu	Quantidade
	Mulher	06
	Homem	13
<p>Motivos:</p> <p>Busca de empregos;</p> <p>Se arrisca muito cedo viver sozinho;</p> <p>Mais preocupado com o que pretende ser;</p> <p>Tem mais liberdade.</p>		

Quem vai mais: Ambos	Quem respondeu	Quantidade
	Mulher	6
	Homem	4
Motivos: Em síntese os mesmos atribuídos nos dois casos acima.		

Situação A – Dos grupos que participam

Quadro 06: Participação dos/as jovens em grupos

Times de futebol	
Motivo que levou escolher esse grupo	Contribuição do grupo em sua vida
Gosto pelo futebol / por esporte; Composição de equipe; Por diversão; Como falta de opção de outra atividade; Porque é a melhor coisa pra se fazer.	Exercício do corpo / saúde para o corpo; Diversão; Facilita o entrosamento em outros lugares; Conhecer novas pessoas; É uma ocupação que pode evitar fazer coisa errada; Fazer viagens.

Quadro 07: Participação dos/as jovens em grupos

Grupos das igrejas (crisma, grupos de jovens e grupos de mocidade)	
Motivo que levou escolher esse grupo	Contribuição do grupo em sua vida
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Visitas aos novos membros; ▪ Por ser o grupo da igreja que trabalha com jovens; ▪ Por ser crente; ▪ Ensaiar e cantar os hinos; ▪ Por ser jovem; ▪ Pelas viagens; 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A ter iniciativa; ▪ Ter coragem de debater; ▪ Obter conhecimento; ▪ Conhecimento de tudo em volta com amor e respeito; ▪ Expressar melhor suas idéias; ▪ Ajuda o espiritual;

<ul style="list-style-type: none"> ▪ Pela fé, que motiva e alivia; ▪ Por que é presidente do grupo; ▪ É interessante louvar; ▪ Por que esquece de tudo que falaram sobre ele, esquece das ofensas; ▪ O incentivo em não usar drogas; Compromisso; ▪ Por se filho de liderança; ▪ Novas relações de amizade; ▪ Namoro; ▪ Solidariedade; ▪ Visibilidade na comunidade; ▪ Louvor ao Senhor; ▪ Novos hábitos e Conhecimento; Identificação com um Cristo jovem; ▪ Por que é legal / Diversão; ▪ Protagonismo juvenil; ▪ Ficar na companhia de jovens; ▪ Ser abençoado; ▪ Por ter experiência anterior em outros grupos de jovens da igreja; ▪ Pedido dos pais/herança; ▪ Por conveniência. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Relacionamento, mais fácil se aproximar das pessoas / Entrosamento entre os jovens; ▪ Motiva para a vida; ▪ Oportunidade de diminuir a timidez / Perder a timidez; ▪ Livrar de fazer besteiras/ fazer as coisas certas (cita não consumir bebida alcoólica); ▪ Facilita a apresentação de trabalhos na escola; Traz boas companhias; ▪ Evita riscos; ▪ Adoração e temor ao Senhor; ▪ Ter um bom comportamento; ▪ Modo de falar; ▪ Ser humilde; ▪ Se uma outra pessoa; ▪ Permite parar pra pensar antes fazer as coisas; ▪ Desviar do mau caminho; ▪ Aprende a cantar e utilizar som; Crescimento de modo geral; Compromisso com Cristo e com a comunidade; Sermos unidos; ▪ Não entrar nas drogas; ▪ Colabora na minha alegria / torno-me uma pessoa mais feliz; ▪ Ajudo quem precisa; ▪ Ajudo quem está fora da igreja.
---	---

Quadro 08: Participação dos/as jovens em grupos

Associação de mulheres	
Motivo que levou escolher esse grupo	Contribuição do grupo em sua vida
	Participação na comunidade; Ganho de conhecimento.

Quadro 09: Participação dos/as jovens em grupos

Grupos de dança	
Motivo que levou escolher esse grupo	Contribuição do grupo em sua vida
Por que esquece de tudo que falaram sobre ele, Esquece das ofensas.	Refletir mais nas coisas antes de fazer

Quadro 10: Participação dos/as jovens em grupos

Equipe de moto- cross / Banda de música*	
Motivo que levou escolher esse grupo	Contribuição do grupo em sua vida
Incentivo da família, achou bonito	Companhia dos amigos; Confiar nos amigos.

Mesmas respostas*

Quadro 11: Participação dos/as jovens em grupos

STR	
Motivo que levou escolher esse grupo	Contribuição do grupo em sua vida
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Para se incluir nos programas, receber os benefícios; ▪ Por influência da família (filho de liderança sindical). 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Benefícios sociais; ▪ Busca dos direitos do agricultor; ▪ Diminui a timidez.

Quadro 12: Participação dos/as jovens em grupos

PROJOVEM (ouvinte)	
Motivo que levou escolher esse grupo	Contribuição do grupo em sua vida
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Para não ficar parada 	-----

Quadro 13: Participação dos/as jovens em grupos

Juventude partido político	
Motivo que levou escolher esse grupo	Contribuição do grupo em sua vida
Compromisso com o movimento social; Herança familiar (a família é filiada ao partido).	Ajuda nas discussões, nos debates ter mais elementos, mais argumentos (inclusive na escola); Perder a timidez; Relacionar com as pessoas, com os espaços.

Quadro 14: Participação dos/as jovens em grupos

Escola de futebol	
Motivo que levou escolher esse grupo	Contribuição do grupo em sua vida
Pela prática/exercício; Pelo sonho de ser jogador.	Preparo físico; Habilidade; Ter força de vontade.

Situação B – Dos grupos que já participaram, mas hoje não participa de nenhum grupo.

Quadro 15: Participação dos/as jovens em grupos

Grupos das igrejas (crisma, grupos de jovens, grupos de mocidade, desbravadores e Jovens Adventistas).		
Motivo que levou escolher esse grupo.	Contribuição do grupo em sua vida	Motivo que resultou na saída do grupo
<p>Ficar com o espírito livre e leve;</p> <p>Por causa das ações de solidariedade;</p> <p>Oportunidades de conhecer lugares. Viagens;</p> <p>Fazer retiros. Acampamentos;</p> <p>Para cantar;</p> <p>Por que tocava contra-baixo;</p> <p>Por que já participava da igreja;</p> <p>Para ter uma ocupação;</p> <p>Para estudar os conteúdos do grupo e fazer os testes escritos;</p> <p>Porque temos o direito e o dever de seguir as ordens bíblicas e adorar ao senhor;</p> <p>Por achar bonitas as apresentações de teatro do grupo.</p>	<p>Ajudou perder a timidez;</p> <p>Ler melhor na frente de muita gente;</p> <p>Ter paciência; Ajudar o próximo; Aprender cantar;</p> <p>Aprender tocar outros instrumentos; Despertar para a música;</p> <p>Se comportar mais, eu fazia coisa errada, fazia raiva para meus avôs;</p> <p>Ajudou no modo de pensar, refletir; Aprendi através de palestras sobre: sexo, drogas, amizades, doenças.</p> <p>Ficar tranquilo, calmo;</p> <p>Seguir as coisas de Deus, adorar a Deus;</p> <p>Novas amizades;</p> <p>Ter mais saúde;</p>	<p>Saiu da igreja;</p> <p>Mudou-se para outra localidade.</p>

	Entrosamento.	
--	---------------	--

Quadro 16: Participação dos/as jovens em grupos

Time de futebol		
Motivo que levou escolher esse grupo	Contribuição do grupo em sua vida	Motivo que resultou na saída do grupo
Gosto em jogar futebol; O convite foi motivador.	Aprender jogar bola; Convivência com amigos.	Mudou-se para outra localidade